

Otto Maria Carpeaux, leitor de Machado de Assis

Guilherme Mazzafera S. Vilhena⁶⁹

Resumo

Esta comunicação procura caracterizar e discutir os meandros da presença da obra de Machado de Assis na constituição da crítica literária do austríaco-brasileiro Otto Maria Carpeaux. Se o importante encontro com a obra de Machado deu-se de modo concomitante à fuga de Carpeaux para o Brasil, o constante retorno a seus textos por parte do crítico, detentor de uma obra prolífica e abundante, indica a construção de uma *presença* efetiva que merece ponderação. Em diálogo com as “figuras machadianas” propostas por Hélio Guimarães (2017), sugerimos que as leituras de Carpeaux sobre Machado parecem se localizar na tensão dialética, tão cara a seu pensamento, entre “o escritor de exceção”, sem lugar no corpo literário nacional de sua época, e o “homem representativo”, cuja obra não se pode dissociar do chão histórico e da própria cidade que a anima. A partir da constante recorrência do autor carioca nos ensaios de Carpeaux, destacamos o esforço por deslocar, reconfigurar e repensar a obra machadiana pela criação de novos contextos críticos, pela procura por filiações e afinidades transnacionais e pelo traslado de opções metodológicas estrangeiras, que, em conjunto, parecem indiciar certo sentido de insuficiência percebido nas interpretações disponíveis à época em dar conta das idiossincrasias da forma machadiana. Por fim, procura-se destacar o método essencialmente ensaístico de Carpeaux que, operando deslocamentos e mesmo deliberados anacronismos, promove uma leitura original da literatura brasileira a partir da consciência de que seu estudo deve levar em consideração um viés de especificidade comparativa, a ponto de discernir o que configura uma contribuição brasileira à literatura universal e que, no caso de Machado, parece indicar a partilha de um *locus* movente entre crítico e autor.

Palavras-chave

Otto Maria Carpeaux; crítica literária; literatura brasileira; Machado de Assis; ensaio

⁶⁹ Doutorando no Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. E-mail: guilherme.mazzafera.vilhena@gmail.com.

A descoberta de Machado de Assis por parte de Otto Maria Carpeaux parece se localizar no próprio ato de fuga, exílio e imigração para o Brasil em 1939, ano do primeiro centenário do escritor carioca. Em seu último livro, a biografia intelectual de Alceu Amoroso Lima, Carpeaux rememora que, ignorando quaisquer grandes nomes de seu futuro lar, com exceção de Villa-Lobos e do próprio Alceu, decidiu dedicar-se durante a viagem marítima a sanar tais faltas, recorrendo à biblioteca de bordo, que lhe trouxe inesperada surpresa: “e foi no navio, lendo uma história da literatura brasileira, escrita por um lusófilo francês, que encontrei pela primeira vez o nome de Machado de Assis” (1978, p. 12).

O encontro com Machado tem sabor de novidade e desvelamento, e não de reposição em chave tupiniquim de verdades e experiências europeias. Dá testemunho disso uma observação do “Depoimento machadiano” (1958). Se foi lendo Machado que o crítico aprendeu a “amar o Rio de Janeiro”, uma percepção mais funda – afeiçoada de certo modo por palavras do próprio Machado e que ainda vige como lugar-comum – se coloca: Machado é um *twice-born* cuja distinção em fases de sua literatura fala de outra cisão mais significativa, entre a obra literária como “documento histórico” e, por outro lado, como “contribuição à literatura universal”. Embora não consiga pensar em outro autor em que tal cisão apareça de modo tão expressivo, Carpeaux não procura reduzir o fato a singularidade nacional, gesto contrário, a seu ver, à própria ficção machadiana, cujo escrutínio psicológico do “homo brasiliensis” ensinou-lhe, “brasileiro adotivo”, “que as criaturas humanas são mesmo iguais sob todos os céus, em todos os meridianos.” Sem desprezar a particularidade imediata ou vínculo necessário do estudo da obra machadiana com seu chão histórico, Carpeaux reconhece que tal aspecto isolado não possui força estética suficiente, pois não dá conta por completo da “verdade da ficção” (“Tradição e revolução”, 1999) ou, em outras palavras, machadianas, trata-se do encontro em camadas, pelo olhar atento, com o “sentimento íntimo” que anima o pulsar das grandes obras. Vejamos, agora, quatro desses encontros.

O primeiro esforço de pensar Machado criticamente por parte de Carpeaux dá-se em “Aspectos sociais da história literária brasileira” (1943), em que propõe a eficácia da “aplicação dos métodos modernos de historiografia literária à literatura brasileira”, desde que, naturalmente, suas origens sejam conhecidas, evitando generalizações impróprias, de modo que a singularidade das obras acaba por exigir “uma aplicação individualista” de qualquer processo interpretativo. Assim, Carpeaux

vale-se de uma tipologia emprestada de Max Weber e seus “tipos ideais” para pensar os lugares ocupados por determinados escritores brasileiros que, como literatos, “chegam sempre um pouco tarde” em relação à pureza dos tipos, dos quais são progênie: latifundiário pastoril (José de Alencar e seu “indianismo artificial”); latifundiário sedentário (Joaquim Nabuco e seu “liberalismo conservador”); burguesia rural (Euclides da Cunha e suas “visões de dimensão cosmológica”); pequeno-burguês (Lima Barreto e seu “ceticismo voltairiano”). Em seu conjunto, são escritores cuja expressão literária é condizente com a “situação social do seu país”, mas que se mostra anacrônica em relação ao século: “são filhos. Chegam tarde demais”. Resta a figura do proletário, que ainda não existe na consciência brasileira e cuja origem social faz-se notar apenas “quando venceu na vida, elevando-se até pertencer à elite”. Eis Machado, que emerge antes de sua classe e, por isso, traz consigo literariamente “uma realidade individual”. A singularidade de Machado, neste caso, encontra-se não na incapacidade de filiá-lo imediatamente às expectativas do presente nacional – que, para Carpeaux, é marcado por sucessivos anacronismos –, mas por ser aquele que vem antes, que anuncia e antecipa, e que deixa, pela sua literatura, não documentos de seu tempo, mas um efetivo “valor literário”: “um estilo”.

A segunda aparição mais ostensiva de Machado dá-se em um único e longo parágrafo da *História da literatura ocidental*. (escrita em 1944-5, publicada entre 1959-1966; 2011, p. 1735-1737), obra na qual a literatura brasileira se engasta ao espesso veio da literatura do Ocidente, visada que permite posicionar o parágrafo machadiano entre Thackeray, Edward Fitzgerald (e sua tradução dos *Rubaiyat*) e Anthony Trollope. Na análise do primeiro, observa Carpeaux uma espécie de nota prolongada de “espírito cáustico” e “tristeza dissimulada” que remete a outros contemporâneos, no caso, Flaubert, Turguêniev e Machado. Alocado na “Parte VIII – A época da classe média” e sob o capítulo “Literatura burguesa”, no qual Balzac é um dos nomes centrais, Machado comparece como uma espécie de vitoriano deslocado, em que se casam “ceticismo e malícia muito intensa”, características de um “poeta exótico” que se anglicizou. Tal exotismo é sentido, no entanto, mais no Brasil do que na Inglaterra, cujo conjunto de influências literárias é o que o distingue em seu país natal. Autor de romances satíricos “à maneira de Thackeray” e com algum parentesco não explícito com Jane Austen, Machado se revela *pout-pourri* de influências, que “não explicam o gênio”: há o eco dos *moralistes* franceses, sobretudo La

Rochefoucauld; uma intuição sobre Leopardi, desenvolvida por Carpeaux em outros ensaios; e não poucas leituras de Schopenhauer. Ao caráter incrível dessa mistura complexa manipulada por um “mulato autodidata do Rio de Janeiro semicolonial da época”, soma-se o recorte histórico preciso, em que “um grande escritor vitoriano” emerge em um Império que “em 1880 era semicolônia da Inglaterra Vitoriana”. (2011, p. 1736-1737).

Outra breve aparição machadiana ocorre na *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira* (1949), trabalho pioneiro de Carpeaux ofertado ao público do país que o acolheu como resultado de seu esforço pessoal em desbravar a *selva oscura* que a literatura nacional lhe propunha. No sucinto perfil machadiano ali esboçado, tem-se um levantamento condensado das percepções gerais sobre o escritor àquela altura, orientação que se encontra expressa no prefácio, em sua clara metodologia de não ser “mais uma história da literatura brasileira e sim apenas o registro bibliográfico dos julgamentos já pronunciados” (p. 12). Assim, destaca Carpeaux a existência de dois Machados literários, o das poesias românticas/indianistas e da ficção romântica da dita primeira fase, e o do autor de poesias parnasianas e de romances e contos que o tornaram “a maior figura da literatura brasileira”; sua presença como “fenômeno singular, fora e acima de todos os ‘grupos’ da classificação histórica”; e a consagração como “glória nacional” ainda em vida.

Por fim, “Uma fonte da filosofia de Machado de Assis” (1948, posteriormente escolhido como abertura de *Respostas e perguntas*, de 1953; 1999, p. 477-480) é texto paradigmático para apensar o modo como o crítico se relaciona com a literatura nacional. Nele, Carpeaux parece buscar uma filiação, uma *afinidade de espírito* em torno da noção de materialismo em um amplo recorte que vai de Epicuro a uma célere referência ao Manuel Bandeira de “Momento num café” para dar conta de uma semelhança íntima entre o delírio de Brás Cubas e o “Dialogo della Natura e di un islandese”, que integra a prosa das *Operette morali* do poeta italiano Giacomo Leopardi, textos que se enlaçam pelo encontro de seus protagonistas com um vulto grandioso e desmesurado em figura de mulher, representando a Natureza como mãe “inimiga de todas as criaturas”. Além de sugerir um possível diálogo entre as obras, mesmo que de forma indireta via Schopenhauer, Carpeaux procura também refutar uma imagem acomodatória do poeta italiano entre nós, a de “romântico melancólico”. Caso o tenha conhecido, sugere o crítico, Machado teria percebido algo

diverso, “um pensador poético ao qual o ligavam profundas afinidades”, em especial o aspecto de “lucidez” que curiosamente caracterizaria o delírio de Brás. Enumerando os autores em distinções fundamentais – Epicuro não epicureu, Leopardi triste, mas não elegíaco –, Carpeaux chega a uma distinção crucial sobre Machado: “embora espirituoso, não foi um cético; ele também – ‘a vida é boa’ – foi materialista.” Por fim, indica uma possível fonte comum desse materialismo partilhado pelo italiano e o brasileiro: Pascal, em cujo ceticismo haveria uma importante fagulha de inquietação espiritual (“não podem existir pagãos depois do advento do cristianismo”). Assim, o que parece essencial nessa leitura é a caracterização do materialismo machadiano não em chave filosófica, mas como atitude em face das coisas do mundo e que, por isso mesmo, não tem a pretensão das teorias de que Machado tanto aproveitou ironicamente.

Dos encontros acima, é possível evidenciar algumas constantes: a busca por um *locus* machadiano nas literaturas nacional e internacional, a procura por filiações e afinidades transnacionais e o traslado de opções metodológicas estrangeiras para repensar a inserção de Machado entre nós. Retomando as “figuras machadianas” propostas por Guimarães (2017), pode-se dizer que as intervenções de Carpeaux parecem se localizar na tensão dialética entre “o escritor de exceção”, sem lugar no corpo literário nacional de sua época, e o “homem representativo”, cuja obra não se pode dissociar do chão histórico e da própria cidade que a anima. O esforço por deslocar, reconfigurar e repensar a obra machadiana pela criação de novos contextos críticos, fruto de um *locus* movente, parece indiciar certo sentido de insuficiência percebido nas interpretações disponíveis à época em dar conta das especificidades da forma machadiana, atividade que exige uma dupla leitura, ofertada como sutil advertência em *staccato* por Carpeaux: “É preciso ler Machado, primeiro, para saber como são os brasileiros; depois, para saber que são assim mesmo os homens.” (1958)

Referências bibliográficas

CARPEAUX, Otto Maria. “Aspectos sociais da história da literatura brasileira”. *Rumo*, Rio de Janeiro, 3ª fase, ano /i, 3º trimestre 1943, n. 2, vol. I, p. 17-21.

_____. Uma fonte da filosofia de Machado de Assis. *A Manhã*, “Letras e Artes”, Rio de Janeiro, 4 abr. 1948, n. 80.

_____. Depoimento machadiano. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 27 set. 1958, p. 2.

_____. Diálogo da natureza e de um islandês. *Diário de Notícias*, 28 set. 1958.

_____. *História da literatura ocidental*. 1.ed. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1959-1966. [4.ed. São Paulo: Leya, 2011].

_____. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1951.

_____. *Alceu Amoroso Lima por Otto Maria Carpeaux*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

_____. *Ensaios reunidos – Vol.I (1942-1978)*. Organização, introdução e notas de Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Topbooks; UniverCidade, 1999.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Machado de Assis, o escritor que nos lê*. São Paulo: Unesp, 2017.